



## POR UMA PROPOSTA DE TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O FENÔMENO ENCLÍTICO

A PROPOSAL FOR DEALING WITH LINGUISTIC VARIATION IN THE TEACHING OF PORTUGUESE: THE ENCLITIC PHENOMENON

Ádria Araújo Costa Godinho (UEPA)<sup>1</sup>  
[adriagodinho02@gmail.com](mailto:adriagodinho02@gmail.com)

Alice Lisboa Maciel (UEPA)<sup>2</sup>  
[alicelisboa888@gmail.com](mailto:alicelisboa888@gmail.com)

Rosana Siqueira de Carvalho do Vale (UEPA)<sup>3</sup>  
[rosanaanita@yahoo.com.br](mailto:rosanaanita@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Neste artigo, há o interesse em discutir o tratamento da variação linguística no ensino de Português. Nesse âmbito, a pesquisa aborda, especificamente, o fenômeno enclítico a partir da comparação entre os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, de William Labov, e das gramáticas normativas. Dessa maneira, Cunha & Cintra (2017), Lima (2011), Castilho (2014) e Perini (2005) foram utilizados como suporte teórico para a análise do fenômeno nas gramáticas. Já no que tange ao enfoque sociolinguístico, Faraco (2008) e Bagno (2001) foram considerados para explicar os conceitos de norma e seus critérios, seguidos pela teoria dos três *contínua* de Bortoni-Ricardo (2005). As análises foram realizadas em trechos retirados das gramáticas e de obras de Clarice Lispector e Martha Medeiros, autoras da Literatura Brasileira. Diante disso, o estudo indicou que os teóricos têm visões diversas sobre o conceito de língua, alguns destacando a distinção entre “certo” e “errado”, enquanto outros adotam uma abordagem mais flexível. Além disso, verificou-se que as escritoras literárias seguem os critérios da norma culta escrita e se diferenciam em alguns pontos dos três *contínua*. Por fim, no contexto do fenômeno enclítico presente nas obras das autoras, notou-se uma convergência com o traço descontínuo que levou a questão temporal em consideração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Linguística. Ênclise. Ensino de Português.

**ABSTRACT:** In this article, there is the interest in discussing the treatment of linguistic variation in the teaching of Portuguese. In this context, the research specifically addresses the enclitic phenomenon through the comparison between Variationist Sociolinguistic by William Labov and normative grammars assumptions. Thus, Cunha and Cintra (2017), Lima (2011), Castilho (2014), and Perini (2005) were used as theoretical support for the analysis of the phenomenon in grammars. Regarding the sociolinguistic approach, Faraco (2008) and Bagno (2001) were considered to explain the concepts of norm and its criteria, followed by Bortoni-Ricardo's (2005) theory of the *three continuums*. The analyses were conducted on excerpts taken from grammars and works by Clarice Lispector and Martha Medeiros, authoresses of

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

<sup>2</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

<sup>3</sup> Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará.



Brazilian Literature. Given this, the study indicated that theorists have diverse views on the concept of language, with some emphasizing the distinction between right and wrong, while others adopt a more flexible approach. Furthermore, it was found that literary authoresses follow the criteria of the standard norm written and differentiate themselves at some points in the *three continuum*. Finally, in the context of the enclitic phenomenon present in the literary works, there was a convergence with the discontinuous feature that took into account the time issue.

**KEYWORDS:** Linguistic Variation. Enclisis. Teaching of Portuguese.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, o objetivo é discutir o tratamento da variação linguística no ensino de Português, abordando, especificamente, o fenômeno enclítico. A pesquisa parte da comparação entre as abordagens da Sociolinguística Variacionista e das gramáticas normativas para compreender como esse fenômeno é percebido e estudado. Para embasar essa análise, foram utilizados como aporte teórico os pressupostos de Cunha & Cintra (2017), Lima (2011), Castilho (2014) e Perini (2005), que compõem a abordagem tradicional e linguística dos clíticos.

No plano sociolinguístico, a pesquisa considerou as premissas de Faraco (2008) e Bagno (2001) para explicar os conceitos de norma e seus critérios, juntamente à teoria dos três *contínua* proposta por Bortoni-Ricardo (2005). Essa combinação teórica permitiu uma compreensão mais abrangente da variação linguística e sua relação com o ensino do Português.

As análises realizadas foram baseadas em trechos retirados tanto das gramáticas normativas quanto de obras literárias de Clarice Lispector e Martha Medeiros. A partir dessas fontes, foi possível constatar que os teóricos possuem visões diversas sobre o conceito de língua. Dessa forma, notou-se que enquanto alguns defendem fortemente a distinção entre “certo” e “errado”, outros adotam uma abordagem mais flexível e abrangente, considerando a variação linguística como parte natural do processo de comunicação.

Além disso, verificou-se que as escritoras literárias em questão seguem os critérios da norma culta escrita, ainda que apresentem algumas diferenças em relação aos três





*contínua* (eixos rural-urbano, oral-letrado e o grau de monitoração estilística) de Bortoni-Ricardo. Essas diferenças podem ser atribuídas ao estilo pessoal das autoras ou à busca por uma expressividade única na sua escrita. Essa constatação ressalta a importância de ser considerado o contexto e a intenção do falante/escritor ao ser analisada a variação linguística.

Por fim, observou-se, no contexto do fenômeno enclítico presente nas obras das autoras, uma convergência com o traço descontínuo, por levar em consideração a questão histórica. Isso indica que a colocação pronominal da ênclise, nesses escritos, está relacionada à intenção de transmitir uma ideia temporal específica, evidenciando, mais uma vez, a complexidade da variação linguística e suas nuances, que devem ser estudadas com mais aprofundamento dentro das aulas de Português.

## 1 A SOCIOLINGUÍSTICA DE WILLIAM LABOV

A partir de 1916, com o seu *Curso de Linguística Geral*, Saussure contribui para dar início aos estudos sobre linguística moderna. Com as contribuições saussurianas, a língua passa a ser vista como “um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (Saussure, 2006, p. 102). Trata-se, pois, de colocar em segundo plano os fatos exteriores ao sistema linguístico, o que implica observar e descrever a língua de forma imanente em um dado momento na história.

Insurge a tal concepção, na década de 1960, a Sociolinguística Laboviana, cujo objeto de estudo será a língua no contexto social, considerando, agora, dois enfoques: o extralinguístico, relacionado à região, sexo/gênero, idade e grau de escolaridade do falante, e o linguístico, que se preocupa, em geral, com os aspectos estruturais, sejam eles semânticos, morfológicos ou sintáticos. A partir desse entendimento e dos esforços resultantes do trabalho de Labov, na ilha de Martha's Vineyard, conceitos como **variação** e **mudança** ganharam destaque no trato da língua.

Para favorecer esse entendimento de mutabilidade, William utiliza parte do conceito de **comunidade de fala** que, segundo Alkmin (2001), corresponde a um grupo





de indivíduos que têm em comum um conjunto de normas. Em outras palavras, essa comunidade se qualifica por pessoas que, apesar de não falarem do mesmo modo, relacionam-se em várias redes comunicativas e dispõem de comportamentos verbais correntes. Daí dizer que a heterogeneidade, em linguística, não implica encarar a língua como sinônimo do “caos”, mas reconhecê-la enquanto um sistema dotado de diversas comunidades, cada uma com sua variedade/norma própria.

Além da variedade, a Sociolinguística trabalha com a **variação**, **variável** e **variante**, que, embora se distingam em significado, atuam em constante interdependência. A primeira, conforme expõe Coelho *et al.* (2015), “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial”. Um exemplo disso acontece com os pronomes “tu” e “você” que, mesmo sendo diferentes, cumprem igual objetivo – o de fazer referência à segunda pessoa do singular. Ademais, tem-se o conceito de variável, que corresponde ao lugar ou aspecto da língua que se encontra em variação. No caso citado, a variável em questão é a “expressão pronominal em P2”. Consonante a essa terminologia, está a de variante, que equivale às formas “em disputa” por uma variável e sobre as quais se vincula um sentido representacional similar, como em “tu” e “você”.

Com base nisso, será feita, primeiramente, uma apresentação do fenômeno de colocação pronominal, sobretudo a ênclise, no ensino de Português, buscando assinalar como tem ocorrido esse tratamento. Em seguida, far-se-á a observação do enclítico nas gramáticas normativas e na perspectiva da linguística. Posteriormente, será analisada a ocorrência do fenômeno nos textos de Clarice Lispector e Martha Medeiros, levando em conta os critérios de norma linguística descritos por Faraco (2008) e Bagno (2001). Por fim, e ainda considerando as mesmas autoras, a reflexão se voltará para o modelo dos três *continua*, que Bortoni-Ricardo (2005) propõe para registrar a diversidade linguística já estudada até então.





## 2 O TRATAMENTO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS

A noção de língua, como se entende desde tenra idade, está imbricada em um emaranhado de juízos de valor, que fazem distinções entre “certo” e “errado”, “bonito” ou “feio”, o que pouco ou nada têm relação com a linguística. Não por acaso, essa visão normativista é reforçada pela mídia, pelos livros didáticos e, até mesmo, pelo corpo docente nas escolas. A máxima se confirma quando o espaço das aulas de língua é destinado quase que exclusivamente para a análise de frases soltas, sem muito compromisso com o texto e com a realidade linguística do alunado.

Para remediar tal problemática, autoras como Antunes em *Aula de português: encontro e interação* (2003), e Vieira & Brandão em *Ensino de gramática: descrição e uso* (2013), defendem metodologias que privilegiam a apresentação de diferentes gêneros textuais. Em se tratando do trabalho com a colocação pronominal, é preciso abordá-la com a consciência de que tanto seu uso quanto suas regras são variáveis, e os usuários, no decorrer dos anos, podem preferir uma forma a outra, dependendo dos propósitos comunicativos sobre os quais se responsabilizam. A respeito disso, Vieira & Brandão (2013, p. 140-141) afirmam:

Com o objetivo de apresentar todas as estruturas presentes na língua, de modo que os alunos não só as produzam, mas também as reconheçam, o ensino da colocação pronominal promove a habilidade de leitura de textos de outras variedades do PB (especialmente a escrita mais monitorada), consoante diversos graus de monitoração estilística, ou do PE, da língua portuguesa de hoje ou de tempos atrás [...].

Dessa maneira, recorrer a textos de épocas e autores diversos é uma estratégia para ampliar o olhar científico do estudante sobre a língua, fazendo-o reconhecer que “o valor de qualquer regra gramatical deriva [...] da sua funcionalidade na construção dos atos sociais da comunicação verbal, aqui e agora. Por isso, tais regras [...] são mutáveis, dependem de como as pessoas as consideram” (ANTUNES, 2003, p. 89). No caso dos





clíticos, ora os falantes podem escolher a próclise, a ênclise ou, mais estritamente, a mesóclise. Tudo dependerá do contexto, dos interactantes e das intenções comunicativas, e é desse modo que o professor deve pensar a sua prática, sempre enlaçando os conteúdos aos gêneros textuais e aos usos efetivos da língua.

### 3 O FENÔMENO ENCLÍTICO À LUZ DO ENFOQUE TRADICIONAL E LINGUÍSTICO

- Para Cunha & Cintra (2017)

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2017), Cunha & Cintra buscam promover um estudo que tenha o papel de orientar para uma expressão oral e escrita que, até o momento vigente de evolução da língua, possa ser considerada “correta”. Assim:

Se uma língua pode abarcar vários sistemas [...], pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. [...] Com efeito, **por cima de todos os critérios de correção** – aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros – **paira o da aceitabilidade social** (CUNHA & CINTRA, 2017, p. 7, grifos nossos).

Desse modo, ao defenderem uma concepção de língua que caminha nas esteiras do que é aceitável em uma comunidade, os filólogos se valem de exemplos da literatura, primordialmente realista e modernista, para discorrerem sobre a posição dos pronomes átonos, sendo eles: me, te, o/a, lhe, se, nos, vos, os/as e lhes, assim como suas variações – no, na, nos, nas, lo, la, los e las – em relação ao verbo.

Para tal colocação, os gramáticos admitem três aceções: a proclítica, a enclítica e a mesoclítica, que se referem, respectivamente, ao posicionamento anterior, posterior e interior dos pronomes supracitados em relação ao elemento verbal. A respeito da ênclise,



são apresentados os seguintes casos:

**Quadro 1** – As situações enclíticas na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*

Em relação ao verbo	Com as locuções verbais
<p>- Com os infinitivos soltos, mesmo modificados por negação, é lícita a próclise ou a ênclise, embora haja acentuada tendência para a última:</p> <p>Canta-me cantigas para <b>me embalar!</b>;</p> <p>Para <b>não fitá-lo</b>, deixei cair os olhos;</p> <p>Para <b>assustá-lo</b>, os soldados atiravam a esmo.</p> <p>- A ênclise é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma “o” (principalmente no feminino “a”) e o infinitivo vem regido da preposição “a”:</p> <p>Se eu soubesse, não continuaria <b>a lê-lo</b>;</p> <p>Logo os outros, camponeses e operários, começaram <b>a imitá-la</b>.</p> <p>- Sempre que houver a pausa entre um elemento capaz de provocar a próclise e o verbo, pode ocorrer a ênclise:</p> <p><b>Pouco depois, detiveram-se</b> de novo.</p>	<p>- Nas locuções verbais em que o verbo principal está no infinitivo ou no gerúndio pode dar-se a ênclise ao infinitivo ou ao gerúndio:</p> <p>O roupeiro <b>veio interromper-me</b>;</p> <p>Nós íamos seguindo; e, em torno, imensa, ia <b>desenrolando-se</b> a paisagem.</p> <p>- Aplica-se a ênclise ao verbo auxiliar, quando não se verificam determinadas condições para próclise:</p> <p><b>Vão-me buscar</b>, sem mastros e sem velas [...];</p> <p><b>Ia-me esquecendo</b> dela.</p> <p>- Quando o verbo principal está no particípio, o pronome átono não pode vir depois. Virá, então, proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar:</p> <p><b>Tenho-o trazido</b> sempre, só hoje é que o viste?;</p> <p>Arrependa-se do que me disse, e <b>tudo lhe será perdoado</b>.</p>

Fonte: Cunha & Cintra (2017).

- Para Lima (2011)

*A Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011), de Carlos Henrique da



Rocha Lima, indica a noção de língua como um fato que, apesar de se dispor às objeções estilísticas de um indivíduo e se materializar nessas, não perde sua integridade, propiciando a instrumentalização do ato comunicativo de modo geral. Nas palavras do estudioso:

**Sem embargo de se prestar à floração de mil estilos individuais, a língua não se desfigura: seu sistema permanece uno e íntegro. É a variedade na unidade — a preservação histórica do seu gênio, da sua índole, à qual se hão de adaptar todas as particularizações (LIMA, 2011, p. 36, grifos nossos).**

Assim, adotando uma visão mais sistemática da língua, Lima (2011) faz alguns apontamentos sobre a posição posposta que o pronome átono assume, como se pode ver abaixo:

**Quadro 2** – As situações enclíticas na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*

Em relação ao verbo	Com as formas infinitas	Com as locuções verbais
<p>- Na abertura de período, ou quando o verbo encetar qualquer das orações que o compõem:</p> <p><b>Ordeno-lhe</b> que saia imediatamente;</p> <p>Criei-o, <b>dei-lhe</b> o meu nome, tornei-o um cidadão útil à sociedade.</p> <p>- Quando o sujeito, sem significação negativa, vier antes do verbo nas orações afirmativas ou interrogativas:</p> <p>Os dois <b>amavam-se</b> desde a infância?;</p>	<p>- Com o infinitivo, a regra geral é a ênclise:</p> <p>Viver é <b>adaptar-se</b>;</p> <p>- Faculta-se a colocação do pronome, quando o infinitivo, na forma não flexionada, estiver precedido de preposição ou palavra negativa:</p> <p>Estou aqui <b>para servir-te</b> ou para te servir;</p> <p>Meu desejo era o de <b>não o incomodar</b> ou <b>não incomodá-lo</b>.</p> <p>- A ênclise é, todavia, de rigor, se</p>	<p>- <i>Auxiliar + infinitivo</i></p> <p>- Ênclise ao infinitivo:</p> <p>O presidente quer <b>falar-lhe</b> ainda hoje.</p> <p>- Ênclise ao auxiliar:</p> <p>O presidente <b>quer-lhe</b> falar ainda hoje.</p> <p>- Próclise ou ênclise ao infinitivo precedido de preposição:</p> <p>Jamais deixei <b>de ajudar-te</b> ou</p>





<p>Desde então, ele <b>afastou-se</b> de nossa casa.</p> <p>- Nas coordenadas sindéticas:</p> <p>Ela chegou <b>e perguntou-me</b> logo pelo filho. Persegui-o, <b>mas</b> ele <b>fugiu-me</b>.</p> <p>- Com advérbios e pronomes indefinidos, se houver pausa, impõe-se a ênclise:</p> <p><b>Bem, luta-se</b> ou não se luta?</p>	<p>o pronome for o(s) ou a(s), e o infinitivo vier regido de a:</p> <p>Estou inclinado <b>a perdoá-lo</b>;</p> <p>Comecei <b>a compreendê-la</b> naquele dia.</p> <p>- Com o gerúndio</p> <p>- A regra geral é, ainda, a ênclise:</p> <p>O professor entregou o prêmio ao filho, <b>abraçando-o</b> com emoção.</p>	<p>jamais deixei <b>de te ajudar</b>.</p> <p>- Auxiliar + gerúndio</p> <p>- Ênclise ao gerúndio:</p> <p>As visitas <b>foram retirando-se</b>.</p> <p>- Ênclise ao auxiliar:</p> <p>As visitas <b>foram-se retirando</b>.</p> <p>- Auxiliar + partícipto</p> <p>- Ênclise ao auxiliar:</p> <p>Os alunos <b>tinham-se levantado</b>.</p>
---	---	--

Fonte: Lima (2011).

- Para Castilho (2014)

Ataliba Teixeira de Castilho, em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2014), pressupõe uma reflexão mais consistente sobre a língua, passando a entendê-la em sua dinamicidade. Nesse sentido, o linguista chama a atenção para que se proponha uma gramática preocupada não mais com a dicotomia maniqueísta de “certo” *versus* “errado”, mas que pretenda “acrescentar um elo a mais na longa tradição das gramáticas de referência” (CASTILHO, 2014, p. 33).

Com esse olhar inovador, Castilho faz uma comparação entre o Português Brasileiro (PB) e o Europeu (PE), a fim de analisar o modo como os clíticos aparecem nessas duas variedades. Dessa maneira, valendo-se das pesquisas de Salvi (1990), Martins (1994) e Pagotto (1992), o autor constata que, na história da Língua Portuguesa, houve



uma oscilação entre a ênclise e a próclise, fato perceptível nas tabelas a seguir:

**Quadro 3** - Colocação dos clíticos no português europeu de acordo com Salvi (1990)

	1267-1348	1425-1450	1510-1520	1550-1600	1655	1727	1746	1846	1878
Próclise	29%	50%	61%	100%	57%	81%	49%	10%	5%
Ênclise	71%	50%	39%	0%	43%	19%	51%	90%	95%

Fonte: Castilho (2014).

**Quadro 4** - Colocação dos clíticos no português arcaico segundo Martins (1994)

	1250-99	1300-49	1350-99	1400-49	1450-99	1500-50
Próclise	6,7%	18,8%	37,8%	71,4%	94,4%	100,0%
Ênclise	93,3%	81,2%	62,2%	28,6%	5,6%	0%

Fonte: Castilho (2014).

**Quadro 5** - Colocação dos clíticos no PB consoante com Pagotto (1992: 69)

	1530-1550	1551-1599	1600-1650	1650-1699	1700-1750	1751-1799	1800-1850	1851-1899	1990-1950	1951-1992
Próclise	83%	84%	92%	88%	85%	85%	89%	55%	29%	46%
Ênclise	17%	16%	8%	12%	15%	15%	11%	45%	71%	54%

Fonte: Castilho (2014).

Diante do exposto por Salvi (1990, *apud* CASTILHO, 2014) e Pagotto (1992, *apud* CASTILHO, 2014), constata-se a preponderância da próclise em relação à ênclise no curso do PB, com ínfimas alterações a partir da década de 90, em decorrência da virada enclítica já iniciada no PE no século XIX.



- Para Perini (2005)

Na *Gramática Descritiva do Português* (2005), Mário Alberto Perini preconiza que se estabeleça uma discussão acerca dos reais usos do português padrão atual, com o objetivo de examiná-lo sem desprezar a gramática, mas submeter essa a um teor crítico rigoroso. Assim, pois, o linguista entende o ensino normativo não como um mal a ser banido, mas prevê a necessidade de abordar a língua em termos mais realistas, contemplando o contexto social do falante.

No que concerne à posição dos clíticos em PB, Perini (2010, p. 229) visualiza “incertezas de julgamento [...] em certos casos — decorrência do fato de que, nesse ponto, as variedades brasileiras diferem muito do padrão europeu”. Nisso, ainda se notam duas tendências: a de respeitar o padrão do PE ou a de adaptá-lo ao nosso uso.

Com o intuito de exemplificar a utilização mais aceita pelos falantes do padrão brasileiro, o estudioso distingue o posicionamento dos clíticos como anteriores e posteriores ao verbo (próclise e ênclise, respectivamente). Além disso, traz algumas restrições sobre o fenômeno enclítico para simplificar a imensa quantidade de casos dispostos nas gramáticas tradicionais. A respeito da ênclise, afirma-se que:

É mal formada toda oração que contenha enclítico quando o elemento verbal (Aux ou NdP) é gerúndio, precedido de *-em*; ou o Aux/NdP é particípio; ou a oração se inicie com item marcado [+atração]. Em todos os outros casos, usa-se próclise ou ênclise, indiferentemente (PERINI, 2010, p. 230).

Dessarte, se as situações acima fossem admitidas, seriam desconsideradas construções como: a) **Em aceitando-se** sua proposta, devemos adiar a votação; b) Ele **tem comportado-se** mal; c) Ele **não apresentou-se** ao comitê.

Por essa razão, após apresentar tais restrições, o professor atenta para o desaparecimento da ênclise e crescente ascensão da próclise no PB. É possível atualizar a



análise mencionada anteriormente, uma vez que ainda está encoberta por uma abordagem muito conservadora de enxergar o funcionamento da língua.

#### 4 CONCEITO DE NORMA

Para Faraco (2008), norma é um conjunto de fenômenos da língua que são recorrentes em uma determinada comunidade de fala direta. Além disso, é compreendida por representar valores socioculturais de diferentes grupos, ou seja, o falar do sujeito varia de acordo com as relações estabelecidas entre ele e a comunidade de prática/situação linguística.

Bagno (2001), discute duas concepções de norma. A primeira seria a tradicional/senso comum/ideológica, referindo-se a uma coerção ideológica no falante determinada por fatores históricos e sociopolíticos que resultam numa “língua ideal”, sustentada por gramáticos apegados à tradição escrita, fomentando o preconceito linguístico. Dessa maneira, a língua escrita se relaciona com a norma culta, uma vez que essa era avaliada no uso de renomados escritores, cuja linguagem se consagrou. Isso pode ser percebido na concepção de norma de Bechara (2019, p. 46): “A norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz ‘assim, e não de outra maneira’”.

A segunda perspectiva de norma, para Bagno (2001), é a linguagem resultante do uso social articulado a um conjunto de princípios dos grupos linguisticamente dominantes. Por isso, pode-se dizer que a norma combina práticas culturais, interesses e valores de uma classe social favorecida com seus aparelhos, como a escola, os formulários de ortografia, os dicionários e a mídia.

##### 4.1 Os critérios da norma culta escrita

Segundo Travaglia (1998, *apud* MELO & SANTOS, 2013), a língua escrita “é o enfoque prioritário da Gramática Normativa, que propõe o estudo somente dos fatos da



língua padrão, da norma culta de uma língua, que acabou por se tornar ‘oficial’”. É essa concepção que, muitas vezes, acaba servindo como referência, no senso comum, para dar ao falante um *status* de autoridade, ou seja, com o domínio da norma, o sujeito passa a fazer parte de uma elite letrada.

Em outra análise, tanto Faraco (2008) quanto Bagno (2001), compartilham da ideia de que a **norma culta escrita** está relacionada com as prescrições da tradição gramatical mais conservadora. Em oposição, a **norma culta falada** se identifica com o conceito de **normalidade** e pode ser vislumbrada nas práticas de fala mais corriqueiras.

Com base nas proposições expostas, pode-se dizer que os casos de ênclise do Português brasileiro se relacionam com a chamada norma culta escrita, visto que, como Faraco (2008) e Bagno (2001) afirmam, existem condições para tal fenômeno ser alocado dentro dessa variedade, além de não ser tão comum na norma culta falada. Abaixo, seguem tais critérios na perspectiva de cada autor:

**Quadro 6** - Critérios de norma culta de acordo com Faraco e Bagno

Faraco (2008)	Bagno (2001)
a) Escolaridade: 2º grau completo; b) Situação mais monitorada de fala; c) Normalidade (uso corrente).	a) Escolaridade: superior completa; b) <i>Background</i> biográfico-cultural urbano.

Fonte: Faraco (2008); Bagno (2001).

## 4.2 Os três *contínua*

Bortoni-Ricardo (2005, *apud* BAGNO, 2007), em seus estudos sobre a variação linguística, fornece o que acredita ser, até então, o melhor instrumental para o registro da diversidade já estudada. A esse modelo dá-se o nome de três *contínua*, que se comportam de maneira interdependente.

O primeiro *contínua* abrange os polos **rural-urbano**, em que se verificam as influências socioculturais às quais o falante esteve/está sujeito. Dessa forma, o fato de



estar envolvido em uma população mais rural ou metropolizada, afetará diretamente o seu modo de se expressar. Além disso, ainda há uma categoria que é o centro desse *contínua*, a chamada **rurbano**, que engloba os indivíduos originários do campo, mas que foram para a cidade, mesclando-se à cultura urbana sem abdicarem completamente de seus antecedentes.

O segundo *contínua* compreende os eixos de **oralidade-letramento**, caracterizados por turnos de fala, ou seja, pelos momentos de interatividade dos falantes com seus interlocutores. Desse modo, essa interação pode ser mais voltada para uma prática mais oralizada ou para uma mais letrada, que é apoiada por um viés de leitura e/ou escrita.

O último *contínua* se refere ao grau de **monitoração estilística**, isto é, ao nível de preocupação do emissor em relação ao discurso que está sendo proferido. Nesse viés, quanto maior o monitoramento, será mais provável ocorrer as “autocorreções”, já que se espera um estilo mais formal e que se aproxime da norma prescritiva.

Outrossim, Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2005) ainda discutem acerca dos traços **gradual** e **descontínuo**, que são interligados com a monitoração do estilo de fala. De acordo com os autores, o primeiro traço diz respeito ao que é mais recorrente no uso dos falantes, independente do contexto em que vivem, por exemplo, a redução do ditongo *-ou* em *-o* nas palavras “pouco, roupa e cenoura”. O segundo restringe-se ao falar de determinados grupos sociais, podendo culminar no detrimento da fala de um povo em relação ao outro, como ocorre na pronúncia [y] para o dígrafo *lh* em: cuié, têia, véia, próprios da variedade rural, mas que sofrem discriminação pelos residentes das metrópoles.

## 5 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, adotou-se uma metodologia bibliográfica de natureza exploratória e abordagem qualitativa. Inicialmente, a pesquisa propôs-se a comparar Clarice Lispector e Martha Medeiros e suas obras quanto ao atendimento aos critérios do conceito de norma culta escrita, conforme delineado por Faraco (2008) e



Bagno (2001), os quais serão discutidos na próxima seção. Essa comparação teve como objetivo explorar algumas nuances linguísticas e estilísticas presentes nos textos, priorizando a compreensão dos contextos em que as obras foram produzidas.

Em vista disso, efetuou-se a separação de 8 (oito) trechos que apresentavam o fenômeno da ênclise nas páginas iniciais de cada uma das duas obras de Clarice Lispector – *Água viva* (1998) e *A hora da estrela* (1998) – e das duas de Martha Medeiros – *Coisas da vida: crônicas* (2012) e *Doidas e santas* (2011), sob a ótica dos três *contínua*, fundamentados pela linguista Bortoni-Ricardo (2005), os quais também serão abordados adiante. Essa escolha metodológica demonstra uma abordagem qualitativa, pois busca compreender a complexidade e a riqueza dos textos selecionados, em vez de apenas quantificar aspectos linguísticos (TRIVIÑOS, 1987).

Por fim, a natureza exploratória da metodologia adotada é evidenciada pela flexibilidade e abertura para novas descobertas e *insights* durante o processo de análise (GIL, 1991). Ao invés de adotar uma hipótese rígida, o estudo busca explorar as diferenças e semelhanças entre as obras das autoras, possibilitando uma compreensão mais profunda das práticas linguísticas e estilísticas presentes em suas escritas. Assim, este estudo proporciona uma análise criteriosa e contextualizada das autoras, das obras e dos aportes teórico-metodológicos, enriquecendo o entendimento sobre suas possíveis contribuições para o ensino de Português.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

- Considerando os critérios para norma:

Clarice Lispector foi uma escritora brasileira que nasceu em 1920, na Ucrânia. Filha de judeus, logo veio para o Brasil, pois fugia da Guerra Civil Russa. Sua educação foi baseada em um ensino sumamente normativo, uma vez que, nessa época, ainda não se discutia, com precisão, a Sociolinguística. Mais tarde, cursou a faculdade de Direito, residiu em diversos países – já que seu marido era cônsul –, aprendeu outras línguas pelo



convívio com os nativos, atuou como jornalista e recebeu prêmios nacionais pelos seus livros. A autora pertenceu à terceira geração modernista e suas obras são marcadas por fluxos de consciência, episódios de epifania, fragmentação de ideias e o recurso da metalinguagem, em que algumas dessas características podem ser verificadas em *Água viva* (1998) e *A hora da estrela* (1998).

*Água viva* (1998) é uma prosa escrita de forma mais intimista, tratando de dilemas humanos e existenciais, a partir dos enredos e do desenvolvimento dos personagens. A história é narrada em primeira pessoa por uma pintora solitária que vai retratando suas divagações por meio de uma linguagem poética, alegórica e metafórica para levantar questões íntimas, mas também universais. Desse modo, cada vez mais, o leitor se identifica com os pensamentos e acontecimentos da protagonista, que ressalta a importância da palavra na expressão do ser humano.

Em 1977, Lispector publicou *A hora da estrela*, contado pelo narrador Rodrigo S. M. sobre a vida de Macabéa, que é criada pela tia religiosa de um jeito bem rigoroso desde que ficou órfã, em Maceió. Anos depois, elas se mudam para o Rio de Janeiro, momento em que a tia falece. Por isso, a protagonista acaba indo morar num quarto com mais quatro mulheres. Ela consegue um trabalho como datilógrafa e começa a namorar um outro nordestino, o qual a deixa para ficar com a colega de quarto dela. Após consultar uma cartomante, ocorre o seu atropelamento, o que culmina na sua “hora da estrela” (morte).

Os trechos selecionados a seguir, retirados de tais livros, mostram alguns casos da ênclise, fenômeno gramatical estudado nesta pesquisa:



**Quadro 7** - Trechos com presença de ênclise nas obras de Clarice Lispector

<i>Água Viva (1998)</i>	<i>A hora da estrela (1998)</i>
“O próximo instante é feito por mim? [...] <b>Fazemo-lo</b> juntos com a respiração” (p. 9);	“Uma colega de quarto não sabia como <b>avisar-lhe</b> que seu cheiro era murrinhento [...]” (p. 27);
“[...] a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora <b>tornou-se</b> um novo instante-já [...]” (p. 9);	“[...] o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para <b>comprá-lo</b> não seria boba [...]” (p. 38);
“Procuro estar a par dele, <b>divido-me</b> milhares de vezes em tantas vezes [...]” (p. 10);	“E procurando <b>aliviar-me</b> do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça [...]” (p. 23);
“[...] e eu que mal comecei e mal comecei a minha jornada, <b>começo-a</b> com um senso de tragédia [...]” (p. 18);	“A palavra tem que se parecer com a palavra. <b>Atingi-la</b> é o meu primeiro dever para comigo [...]” (p. 20);
“ <b>Escrevo-te</b> na hora mesma em si própria [...]” (p. 25);	“E adianto um fato: <b>trata-se</b> de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha [...]” (p. 22);
“E estremeço em respiração arfante por ter que <b>acompanhá-la</b> . Eu sou a morte [...]” (p. 25);	“É que faria coleção de anúncios. <b>Colava-os</b> no álbum [...]” (p. 38);
“As aeromoças são desidratadas – é preciso <b>acrescentar-lhes</b> ao pó bastante água [...]” (p. 32);	“ <b>Olhou-se</b> e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem [...]” (p. 25);
“ <b>Recuso-me</b> a ficar triste. Sejamos alegres [...]” (p. 93).	“[...] <b>Faltava-lhe</b> o jeito de se ajeitar.” (p. 24).

Fonte: Lispector (1998, 1998).

Na perspectiva dos critérios da norma culta escrita vistos anteriormente, pode-se perceber que a autora atende aos níveis de escolaridade de Faraco (2008) e Bagno (2001). No entanto, pela óptica daquele, o fenômeno enclítico não se apresenta como uma situação mais monitorada de fala, mas sim de escrita, uma vez que se observa o uso da ênclise recorrentemente nas produções literárias, satisfazendo o critério de normalidade.

Quanto ao *background* biográfico-cultural urbano, ou seja, à bagagem de experiências pessoais de cunho cultural que Lispector carrega, advindas do “mundo”





urbano, é possível perceber que ela apresenta uma variedade de conhecimentos que, aos poucos, vai colocando em suas obras, incluindo o da gramática normativa.

Em relação à Martha Medeiros, nascida, em 1961, no Rio Grande do Sul, sua carreira começou na área de propaganda e publicidade, sendo formada em Comunicação Social. A trajetória dessa escritora englobou setores de criação e redação. Com a experiência já consolidada nesse meio, publicou *Strip-Tease*, seu primeiro livro de poesias. Em 1993, mudou-se para o Chile, largando o ofício publicitário, e passou a se dedicar à produção de obras literárias. Depois de divulgar seus trabalhos, Medeiros ganhou alguns prêmios e, com o sucesso, obteve a adaptação para o teatro de alguns de seus livros. Atualmente, a autora se ocupa como jornalista, escrevendo crônicas para o jornal *Zero Hora* e é redatora da revista *Época*.

Foi lançado, em 2012, outra edição da obra *Coisas da vida: crônicas*, que é um compilado de textos difundidos nos jornais *Zero Hora* e *O Globo*. A proposta do livro é trazer assuntos cotidianos que transpassem a temporalidade da vida humana moderna, como os sentimentos de frustração e amor, questões femininas, machismo, o confronto entre dinheiro e sossego na sociedade capitalista, casamento, sexo, preconceito e tantas outras “coisas da vida”. Tudo isso partindo de uma análise que pode começar numa festa, em um encontro no supermercado, no meio do trânsito ou no seio familiar. Há, portanto, um retrato do indivíduo do século XXI.

Em *Doidas e santas* (2011), há uma reunião de crônicas que tratam de reflexões acerca da cultura contemporânea. Nesse aspecto, as abordagens da escritora se tornam pertinentes à discussão de temas corriqueiros na vida de qualquer pessoa, por exemplo: as decepções amorosas, a maternidade, a vida adulta e as situações da área urbana, focando principalmente nos enfrentamentos sociais, morais e psicológicos das mulheres. Assim, levanta-se ponderações de como as relações podem influenciar o desenvolvimento do sujeito.

Os trechos que seguem, extraídos desses livros, mostram alguns casos da ênclise, fenômeno gramatical em estudo nesta pesquisa:





**Quadro 8** - Trechos com presença de ênclise nas obras de Martha Medeiros

<i>Coisas da vida: Crônicas (2012)</i>	<i>Doidas e Santas (2011)</i>
“Há quem diga que o tempo não existe, que somos nós que o inventamos e tentamos <b>controlá-lo</b> [...]” (p. 13);	“[...] só assim pude descobrir o que trago no corpo e <b>tratá-lo</b> a tempo.” (p. 16);
“Volto, depois de muitos anos, para <b>visitá-lo</b> [...]” (p. 13);	“[...] que eu mesma, <b>apresentou-se</b> como saída” (p. 16);
“[...] e tão apaixonados, <b>sentiam-se</b> hóspedes de um hotel cinco estrelas [...]” (p. 16);	“[...] é estar um pouco cansado de certas repetições, <b>é descobrir-se</b> frágil num dia qualquer [...]” (p. 22);
“Está predisposto a <b>envolver-se</b> [...]” (p. 17);	“Os esforços não são para <b>compreendê-la</b> , e sim para <b>disfarçá-la</b> [...]” (p. 22);
“[...] há expectativa em relação a suas ideias e emoções, e boa vontade para <b>aplaudi-las</b> .” (p. 18);	“Foi eletrizante, <b>celebrou-se</b> o lado mais quente da vida.” (p. 24);
“ <b>Apaixonar-se</b> de novo pelo mesmo marido ou pela mesma mulher nem sempre dá conta disso.” (p. 18);	“[...] circulou por todos os ambientes, <b>misturou-se</b> à plateia [...]” (p. 25);
“ <b>Transformaram-se</b> em cidadãos responsáveis, sensatos, zelosos de suas conquistas.” (p. 19);	“Vinicius seguia um ritual: <b>zerava-se</b> .” (p. 27);
“Acordo de manhã desejando fazer a mala, <b>colocá-la</b> no meu carro [...]” (p. 23).	“Tudo isso, <b>diga-se</b> , a um custo emocional altíssimo.” (p. 27).

Fonte: Medeiros (2012, 2011).

Comparando os trechos anteriores aos critérios de norma culta escrita de Faraco (2008) e Bagno (2001), depreende-se que, no quesito de nível escolar, a escritora cumpre as “exigências”. Assim como visto em Lispector, na questão da situação mais monitorada de fala, Medeiros também exibe a ênclise como pertencente a um viés mais escrito que falado, haja vista que, pelo mesmo motivo apresentado na análise da outra autora, é mais comum – normalidade – o uso desse fenômeno em textos da literatura.

A respeito do critério de *background* biográfico-cultural urbano, Medeiros abarca



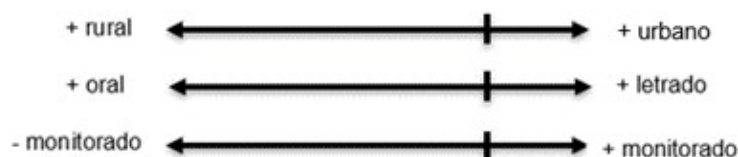
diversos âmbitos da sociedade e do ser humano. Tais reflexões possuem como painel de fundo um arcabouço de noções e informações dos conteúdos da vida urbana, justamente por conta da experiência convivencial nesse espaço. Ademais, observa-se que não existe nenhum desvio gramatical nas opções de utilização da ênclise nesses fragmentos. Isso mostra o conhecimento da normativa que a autora possui ao expressar a história em seus escritos.

- Considerando os três *continua*:

Tendo em vista os quadros dos trechos das obras selecionadas, a seguinte análise se baseia nos conceitos dos três *continua*. Dessa maneira, ao levar em conta o fato de Clarice Lispector ter passado grande parte da vida residindo na área de metrópoles, pode-se admitir que ela pertence ao polo mais urbano. Ademais, sua formação em Direito, a carreira de jornalista, seu conhecimento em diferentes línguas e o casamento com um diplomata a fez ter uma prática de linguagem escrita mais letrada. Sob essa perspectiva, e tendo em conta que seu público-alvo é o adulto, presume-se a utilização de um estilo mais formal de escrita nos seus contos.

Na figura 1, observa-se o comportamento desses *continua* em relação à escritora modernista:

**Fig. 1** – Resolução dos três *continua* referente à Clarice Lispector



Fonte: Elaboração das autoras.

É importante ressaltar que, para o contexto vivido na década de 90, como aponta

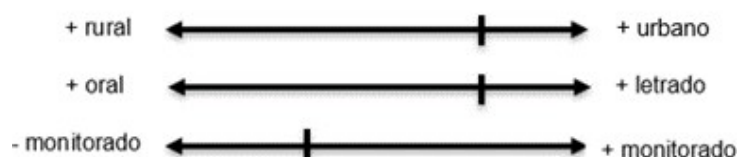


Castilho (2014), a ênclise ganhou expansão nas classes mais abastadas e era mais usada em virtude da influência europeia do século XIX. A partir disso, com o uso dessa colocação pronominal nos textos apresentados, entende-se que se trata de um traço descontínuo, uma vez que era recorrente para a elite, mas pouco utilizada por outros grupos sociais brasileiros.

Assemelhando-se a Clarice, Martha Medeiros morou predominantemente em ambientes citadinos e, por essa razão, obedece também às características do polo urbano. Somado a isso, por ser formada em Comunicação Social, trabalhar em editora de revistas e ter domínio de outros idiomas, a escritora está situada no eixo mais letrado. No entanto, ao fazer referência ao *continua* de monitoramento estilístico, Martha difere de Clarice, pois produz um gênero que, por excelência, está mais próximo de uma situação menos monitorada de escrita: a crônica, além de se dirigir a um público mais jovem.

Na figura 2, verifica-se o comportamento desses *continua* em relação à crônica brasileira:

**Fig. 2** – Resolução dos três *continua* referente à Martha Medeiros



Fonte: Elaboração das autoras.

Segundo Faraco (2008), os dados obtidos pelo projeto NURC/SP (Norma Linguística Urbana Culta), na década de 90, mostram que menos de 10% da população brasileira tinha escolaridade superior. Em outras palavras, a norma culta seria parte da realidade de uma ínfima parcela da sociedade. Com base nisso e sabendo que Martha Medeiros é uma autora contemporânea, pode-se constatar um comportamento descontínuo do fenômeno enclítico no contexto da época, assim como visualizado na análise de Clarice Lispector.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, Saussure trouxe à tona a discussão do estudo de língua como ciência e, diferentemente do estudo histórico-comparativo que se fazia, o teórico contribuiu para consolidar um método estrutural e sistemático do objeto linguístico. Anos mais tarde, a partir dos estudos realizados por Labov, deu-se uma nova perspectiva do tratamento da língua, originando a Sociolinguística Variacionista, que englobou fatores intrínsecos e extrínsecos à análise linguística.

Na comparação dos pontos de vista tradicional e linguístico, detectou-se que o conceito de língua é oscilante entre os teóricos, contemplando ora um olhar imbricado na dicotomia “certo” *versus* “errado”, ora em outro mais inovador, que se detém a um entendimento dinâmico e plural, mas sem desprezar o exame dos compêndios gramaticais.

O paralelo criado com o trajeto de vida de Clarice Lispector e Martha Medeiros e com os trechos selecionados das obras de cada uma, tornou-se imprescindível para verificar se as autoras cumpriam os critérios de norma culta escrita, apoiadas pelos linguistas Faraco (2008) e Bagno (2001). Por esse ângulo, notou-se concordância entre as escritoras quanto à escolaridade, à situação mais monitorada de escrita (não de fala) e no alto *background* biográfico-cultural urbano.

Com o modelo dos três *continua* de Bortoni-Ricardo (2005), observou-se a intersecção entre os eixos rural-urbano, oral-letrado e o grau de monitoração estilística. Com isso, analisando o contexto de vida de Lispector e Medeiros, bem como considerando o público de suas obras, verificou-se que a primeira tende para o lado mais urbano, letrado e monitorado. Ao passo que a segunda se identifica com os eixos mais urbano, letrado e menos monitorado, por conta do gênero mais recorrente nos seus trabalhos.

Além disso, o fenômeno enclítico presente nos trechos retirados das obras dessas





autoras, mostrou-se convergente ao traço descontínuo. Isso porque, nas épocas em questão, a ênclise predominou nas classes mais abastadas da população brasileira, sendo própria dessa e pouco usual aos falantes de outras configurações socioeconômicas.

Dessa maneira, discutir e abordar a variação linguística, como o fenômeno enclítico, no ensino de Português, é essencial para promover uma educação linguística mais inclusiva e consciente. Compreender e respeitar as diferentes formas de uso da língua, tanto na norma culta escrita quanto nas variedades regionais e sociais, contribui para uma maior aceitação da diversidade linguística. Ao ensinar sobre a ênclise e seus aspectos gramaticais, é importante apresentar aos estudantes as diferentes realidades linguísticas e socioculturais presentes na sociedade em variados momentos. Isso permite que eles desenvolvam uma perspectiva crítica sobre a língua, reconhecendo que a variação faz parte da natureza da linguagem e não deve ser estigmatizada.

### REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística: Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?**. São Paulo: Parábola, 2005.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.



LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEDEIROS, Martha. **Coisas da vida**: crônicas. Porto alegre: L&PM Editores, 2012.

MEDEIROS, Martha. **Doidas e santas**. 20. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

MELO, Thiago Benitez de; SANTOS, Maria Elena Pires. Norma culta ou curta? Reflexões teóricas acerca do ensino de língua portuguesa. **EntreLetras**, Araguaína, v. 4, n. 1, p. 48-62, 2013.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

---

Recebido em: 30/03/2024 | Aprovado em: 20/07/2024  
Publicado em: 27/06/2024

---